

José Poças

*“Há prazer na planificação, mas viver é outra coisa!”*

O diretor do Serviço de Infeciologia do Centro Hospitalar de Setúbal é irreverente por natureza, característica que transparece em muitas das suas histórias de viagem e não só. Apaixonado por diversas artes, José Poças valoriza muito as relações humanas e, nelas, o respeito e a confiança. Possui um sentido de família e de amizade que marcam as suas atividades e que facilmente descobrimos, ao virar as páginas da sua vida, nos relatos que partilha. Se, no jazz, que adora, o improvisado exige muito planeamento e conhecimento, acontece o mesmo na sua forma preferida de viajar: planear, planear, planear... Mas, depois, é preciso dar espaço a que a vida nos surpreenda.



TEXTO: PAULA FORTUNATO

Em criança era astrónomo que José Poças pensou querer vir a ser com o advento da chegada do primeiro Homem à Lua mas, depois de adquirir alguma maturidade, viu nascer “uma vontade inexplicável de ser médico”. “Não me arrependi até hoje: a medicina nunca perdeu o seu encanto inicial. O que perde o encanto é o absurdo da prática que nos querem impor, mas à qual nunca me renderei. (...) Na prática da medicina tal como a entendo o que interessa é esse encontro entre duas pessoas. Por isso voltei, depois de tantos anos, à atividade privada, para me reaproximar daquilo que o médico deve ser através de um retorno à Medicina Interna e à abordagem do enigma diagnóstico”. “O gosto de acolher o outro sem grandes constrangimentos burocráticos é um traço de união entre coisas que não têm nada a ver: o turismo e a medicina”, explica-nos, numa referência a uma casa da família da esposa, colega de profissão, que precisava de reabilitação e na qual o casal Mendes Poças investiu poupanças, tempo, trabalho e muito amor. “Foi algo que nos motivou muito e que fez nascer a Carmo’s Residence, um projeto familiar em Homenagem à D.ª Maria do Carmo, mãe da esposa e que ali nasceu”, um alojamento local com ambiente acolhedor no coração de Setúbal.

Se um médico que só sabe de medicina, nem de medicina sabe, José Poças é o oposto: viagens, música, livros, pintura e muita conversa, fazem deste profis-

sional um ser humano culturalmente eclético. Se fosse outro, que não médico, poderia ser advogado “para defender causas, esgrimindo argumentos”. Visão excessivamente romântica, provocamos, mas a resposta não se faz esperar: “o que nos leva a escolher é sempre a visão romântica!” “Também podia ser historiador, ou, se tivesse jeito, pintor ou músico!”.

O gosto cultural “foi-se desenvolvendo”, enquadra, referindo-se à abrangência dos gostos. Embora não fosse propriamente uma tradição familiar, a mãe foi atriz e, ainda adolescente, o próprio participou “num grupo amador de teatro composto por familiares sob a orientação de um primo que pertencera a um grupo revolucionário em Coimbra”. O gosto cultural surgiu desse ambiente propício e recorda como a família “cultivava o prazer de conversar à mesa, sobre cultura, política, etc.”, tradição que mantém com os filhos. “A herança do meu pai – que começou por ser engenheiro eletrotécnico numa barragem na Serra da Estrela – foi sobretudo valores, enquanto a da minha mãe foi mais a cultura”. A mãe “cantava, tinha muito jeito para a música e para o teatro, tendo sempre lido muito”, o que contribuiu para torná-lo “um leitor compulsivo”. A leitura só não absorve mais tempo porque a medicina é muito exigente mas, mesmo assim, não o impediu de escrever e coordenar a edição de várias obras coletivas (uma das quais a que a Ordem dos Médicos fez para promover a relação médico-doente a Património Ima-



terial da Humanidade). Foi autor de “Ode ou Requiem”, onde aborda a natureza do ato médico, e “Reflexões em Tempos de Pandemia”, sobre histórias pungentes de vida, prazer, sofrimento e morte, ambos da editora *BytheBook*. Mas o primeiro livro que editou foi uma monografia sobre o espólio de Águas de Moura, que recorda num misto de orgulho e lamentação: para o levantamento do que seria um museu da Malária em Portugal, resultado do trabalho que fez com Armindo Filipe (diretor do Centro de Estudos de Vetores e Doenças Infeciosas entre 1987 e 2002), José Poças contou com o apoio do médico - e seu doente - Irineu Cruz e de duas especialistas em história, uma das quais sua cunhada, irmã da esposa. Mas esse espólio documental “de tão grande qualidade” que originou uma exposição itinerante e que até foi “emprestado para o Congresso Europeu de Medicina Tropical”, está agora, em grande parte, “encerrado em caixotes”...

Vem à conversa, o poema de Nietzsche que fala do “inimigo como sendo o nosso maior amigo, aquele que nos é mais leal, porque não usa de subterfúgios, afronta-nos cara a cara e sem hipocrisia”. Reconhecemos aqui a tal “herança de valores” paternos.

Marcado também por um “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley, José Poças realça os seus alertas éticos tão atuais. “No limite, o homem subconscientemente, quer apoderar-se dos poderes das divindades”, considera, enquadrando aqui a simbologia de “A Criação de Adão”: o fresco pintado por Michelangelo no teto da Capela Sistina significa, para si, precisamente esse momento em que há uma quase transmissão do poder divino. “Note-se que os dedos não se tocam”, deixando espaço entre deus e o homem e também para a imaginação de quem interpretar qual a história contada na pintura. Para José Poças, apesar do seu ateísmo, “há coisas que devem ficar reservadas às divindades”.



José Poças e a esposa Ana, colega de profissão, numa viagem ao Brasil em 2005.

Tal como Duke Ellington, explica-nos, gosta de ouvir todo o tipo de música boa, do jazz à música clássica e até aprendeu piano entre os três e os quatro anos de idade, quando viveu em Alcácer do Sal, mas considera que não tem nenhum jeito. Na pintura também se considera “um inapto”, o que lhe desperta enorme admiração pelos grandes artistas que descobriu na infância, nas coleções de cromos de pinturas do mundo. Quando viaja esses são dois dos seus principais interesses: visitar exposições e ouvir música. Recentemente visitou uma “fantástica e inovadora” mostra sobre Frida Khalo, no Canadá. Fascinado por esta artista, já visitou, no México, uma das suas casas-museu onde ela viveu com o grande muralista Diego Rivera.

E que tipo de viagem prefere? “O planeamento é fundamental, mas, depois gosto de subverter e ter espaço para improvisar”. Recorda um exemplo paradigmático, numa viagem que o levou de Vilnius a São Petersburgo, quando, em Riga, resolveu entrar num clube de jazz. Deliciado com o improvisado e com a aprendizagem de como se faz a preparação desse mesmo improvisado, fala-nos dos vários elementos da banda jazz, destacando o trompetista Ted Curson e um dueto inusitado entre ele e um músico americano de soul que entrou por acaso no bar. “No intervalo um dos músicos, o guitarrista, veio ter comigo, abraçou-me e começou a falar em turco! Tinha-me confundido com alguém que não consegui perceber. Expliquei-lhe que era um engano e continuei a ouvi-los”. Por gostar tanto de jazz, acaba por ficar mais um dia do que o planeado, pelo que teve que alterar as reservas de hotel que tinha na cidade seguinte, nas imediações de Kaliningrado. Um ano depois, de visita a Istambul, descobre um clube de jazz fantástico onde vai quase todas as noites e onde reencontra, por mera coincidência, o mesmo guitarrista turco, que o reconhece, abraça e ainda autografa dois CDs que comprara. As histórias são muitas e facilmente se ficaria horas a conversar. Falamos, por exemplo, de um interrogatório a que foi submetido, durante 6 horas sem interrupções, com a polícia russa, numa fronteira interior da Letónia, a mostrar papéis em cirílico e a gritar em russo, situação da qual só saiu graças à intervenção de dois estudantes... Mas essa será uma das muitas histórias que um dia talvez conte na sua autobiografia, como tantas vezes lhe é pedido.

Ver mais aqui:

